PRÁTICAS INSTITUCIONAIS, RELAÇÕES DE GÊNERO E MEMÓRIAS DAS MULHERES EGRESSAS DO CURSO TÉCNICO EM AGROPECUÁRIA DO IFNMG – *CAMPUS* JANUÁRIA (1960–2024): CONDICIONANTES DO INGRESSO E DA PERMANÊNCIA

Elaine Cristina Lopes Costa Magalhães
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1345-6811
Endereço eletrônico: elainecosta.vida2011@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0603-2113
Endereço eletrônico: ana_alves183@hotmail.com

Palavras chaves: gênero; mulheres; memória; educação profissional; IFNMG

INTRODUÇÃO

Esta comunicação apresenta um recorte de uma pesquisa de tese em andamento que investiga as relações entre trabalho, educação, gênero e memória na Educação Profissional e Tecnológica (EPT), tendo como foco as vivências de mulheres egressas do Curso Técnico em Agropecuária do IFNMG – Campus Januária, no período de 1964 a 2024. O objetivo é analisar como as dinâmicas sociais, familiares e institucionais, atravessadas pelas relações de gênero, influenciaram o ingresso, a permanência e as experiências educacionais dessas mulheres.

Ancorado na perspectiva do materialismo histórico-dialético e na teoria da memória, o estudo compreende o trabalho, a educação e as relações de gênero como construções históricas e sociais, constituídas em meio a contradições, disputas de poder e permanências estruturais que produzem e reproduzem desigualdades.

Ao privilegiar as narrativas das egressas, a pesquisa busca evidenciar processos de invisibilização, resistência e transformação, contribuindo para a compreensão da presença feminina na história da Educação Profissional e Tecnológica.

METODOLOGIA

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza exploratória, descritiva e narrativa, fundamentada em uma abordagem histórico-sociológica. Tal perspectiva possibilita compreender os sentidos atribuídos pelas mulheres às suas experiências na instituição, valorizando suas memórias como construções sociais.

O percurso metodológico estrutura-se em três eixos principais: pesquisa bibliográfica e documental, levantamento quantitativo e entrevistas semiestruturadas. A pesquisa bibliográfica e documental contempla a análise de referenciais teóricos sobre gênero, educação, trabalho e memória, bem como documentos institucionais do IFNMG – Campus Januária. O levantamento quantitativo busca sistematizar dados referentes ao ingresso e à conclusão no curso Técnico em Agropecuária entre 1964 e 2024. Já as entrevistas semiestruturadas que vem sendo realizadas com egressas, têm como objetivo compreender suas vivências, desafios, estratégias de permanência e percepções acerca das relações de gênero no ambiente educacional.

A análise dos dados está sendo desenvolvida por meio da abordagem dialética, permitindo compreender as contradições estruturais da sociedade brasileira, marcada por desigualdades de classe, raça e gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das relações de gênero, no contexto desta pesquisa, parte da compreensão de que se tratam de construções sociais e históricas que estruturam hierarquias e organizam desigualdades. O gênero aqui, é mobilizado como categoria analítica central para evidenciar como instituições e práticas sociais produzem, reproduzem e naturalizam assimetrias de poder, incidindo diretamente sobre trajetórias educacionais e profissionais. Nesse sentido, as desigualdades de gênero não se configuram como ocorrências pontuais, mas como expressão de uma estrutura social marcada pelo patriarcado e pela divisão sexual do trabalho, que, ao longo do tempo, associou determinadas áreas do conhecimento e ocupações ao masculino, relegando às mulheres funções vinculadas ao espaço doméstico, do cuidado e organização, como percebido por uma das entrevistadas que vivenciou essas situações no cotidiano do curso:

> Eu observava, pelo fato de ser mulher, era essa questão de pegar aquele serviço doméstico que estava lá pra gente fazer. E quando era um serviço da área técnica, que a gente precisava aprender, eram os meninos que iam. O máximo, da área técnica que a gente fazia era quando mandava a gente mais para a horta, molhar os jardins. Mandava a gente fazer essa coisa que era mais caseira, que era mais feminina, ou era considerada mais feminina. Quando era aquelas coisas mais científicas, que tinha que mexer com outras coisas, ou então era técnica mesmo, assim mais robusta, eram os meninos, e eu queria mexer no trator para arar a terra, porque limpara sala eu já sabia desde casa." (Entrevistada 2).

Embora a pesquisa ainda esteja em andamento, resultados preliminares apontam para a confirmação de que a presença feminina na Educação Profissional, especialmente em cursos técnicos agropecuários, foi historicamente marcada por processos de invisibilização, exclusão e desigualdade de oportunidades. Percebe-se que a divisão sexual do trabalho influenciou diretamente nas escolhas profissionais e as trajetórias educacionais. Ademais, nos registros institucionais há significativa ausência da feminina ao longo das décadas e as narrativas revelam estratégias de resistência e ressignificação desse lugar e dos acontecimentos, como relata uma das entrevistadas:

> "Meus pais falavam que Agropecuária é um curso masculino... Era como se diz...um curso para meninos, e Magistério era um curso para as moças. E eu queria ser professora, mas não necessariamente professora de anos iniciais. Mas... Foi uma imposição da minha mãe. Uma condição para eu fazer o técnico em Agropecuária era que eu tinha que fazer magistério também. Ela somente deixou eu fazer o Técnico em Agropecuária porque acreditava que eu ia desistir do curso porque era muito pesado para mulher." (Entrevistada 03)

A análise cruzada dos relatos tem permitido mapear a evolução dos desafios de gênero na instituição através de três eixos fundamentais:

O acesso e a barreira institucional (Década de 1970)

A memória de Margarida (ingresso em 1973) ilustra a fase do "rompimento da barreira institucional". O acesso de mulheres era inicialmente proibido pela direção, sendo necessária uma intervenção externa (MEC) para garantir sua matrícula. Sendo a única mulher na instituição durante sua formação, o desafio centrava-se na sobrevivência a ausência de pares e à hostilidade pedagógica de professores que utilizavam o trabalho braçal exaustivo no sol como ferramenta de desestímulo à sua permanência no ambiente.

As práticas hostis a invisibilidade das especificidades biológicas (Década de 1990)

Nos anos 1990, representado pelo relato de Hortênsia (ingresso em 1992), o acesso já estava consolidado, mas a cultura institucional permanecia refratária à presença feminina. Emergem neste período os episódios explícitos de assédio sexual e abuso de poder por parte do corpo docente, além da completa desconsideração da dimensão biológica feminina — exemplificada pela negligência institucional diante de intercorrências de saúde e ciclos menstruais no trabalho de campo. Sob o lema de que *"da porteira para cá, todo mundo é homem"*, tentava-se apagar as especificidades das alunas, gerando uma sobrecarga física e emocional.

Estereótipos e divisão sexual do trabalho e desempenho acadêmico como armadura (Década de 2000)

A narrativa de Violeta (ingresso em 2002) aponta para um cenário de maior presença feminina, porém ainda segregado por uma divisão sexual do trabalho sutil e disfarçada de "zelo". Enquanto os homens executavam o trabalho braçal pesado, as mulheres eram frequentemente direcionadas a tarefas de limpeza doméstica ou jardinagem sob justificativas estereotipadas de gênero. Nota-se também que os espaços de liderança política e estudantil (como o Grêmio) permaneciam restritos aos homens. Para contrapor a opressão, as estudantes utilizavam o alto desempenho acadêmico (notas elevadas) como uma "armadura" para legitimar o respeito e a aceitação no ambiente.

Os depoimentos das entrevistadas evidenciam que o ingresso das mulheres na educação técnica ocorreu, em muitos casos, em contextos marcados pela resistência familiar, pela divisão sexual do trabalho e pela naturalização de determinadas profissões como "masculinas" ou "femininas". As narrativas revelam a presença de diferentes formas de discriminação e invisibilização, manifestadas por meio de questionamentos sobre a capacidade técnica das mulheres, da baixa representatividade feminina em determinados cursos e da necessidade constante de demonstrar competência para obter reconhecimento acadêmico e profissional.

Apesar dessas dificuldades, os relatos também evidenciam processos de resistência, protagonismo e transformação social. Muitas entrevistadas destacam que a formação técnica

representou oportunidade de ascensão social, autonomia financeira e ampliação das possibilidades profissionais, contribuindo para o rompimento de barreiras historicamente estabelecidas.

CONCLUSÕES

Os resultados preliminares apontam que a trajetória das mulheres na educação profissional e tecnológica do IFNMG é marcada simultaneamente por processos de exclusão e de conquista. As memórias das entrevistadas, até aqui, revelam que o acesso feminino à formação técnica não ocorreu de forma linear, mas mediante disputas simbólicas e sociais que refletem transformações mais amplas nas relações de gênero no Brasil.

Ao dar visibilidade às experiências dessas mulheres, a pesquisa contribui para a construção da memória institucional do IFNMG inclua as vozes femininas e para o fortalecimento de políticas de equidade de gênero na educação profissional e tecnológica, reafirmando a importância da preservação das narrativas femininas como patrimônio histórico e social.

REFERÊNCIAS

HALBWACHS, **Maurice. A memória coletiva**. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, J. **Gênero, uma categoria útil para análise histórica.** In: Revista Educação e Realidade. Jul/dez. Porto Alegre, 1990.